

# “Muito d’Alma”... a amizade literária entre João do Rio e João de Barros, cartas de 1912 a 1921

Claudia Poncioni\*

A correspondência entre autores, situa-se numa espécie de terreno baldio, fronteiro entre a vida e a obra, no qual até mesmo as cartas mais triviais podem ser interpretadas como sintomas. Sintomas do seu processo criativo e do entrelaçamento entre vida e obra, sintomas de um intercâmbio iniciático, sintomas da própria condição do escritor numa sociedade dada.

Razão pela qual a publicação da correspondência entre autores (ou de autores) encontra-se atualmente num período fausto. No Brasil foi finalmente publicada a correspondência ativa e passiva entre Mário de Andrade e Drummond,<sup>1</sup> cujas cartas recebidas de Mário já tinham sido lançadas em volume no ano de 1982.<sup>2</sup> Foi também o caso da correspondência entre o autor de *Macunaíma* e Manuel Bandeira<sup>3</sup> e de outros.

Em Portugal, o impacto representado pela publicação da correspondência inédita de Mário de Sá Carneiro a Fernando Pessoa, em 1980,<sup>4</sup> foi definitiva para a afirmação do gênero epistolar. Mais perto de nós, um dos livros mais importantes publicados em Portugal em 2005-2006, foi a coletânea das cartas enviadas por António Lobo Antunes, durante seu serviço militar em Angola, àquela que era então sua jovem esposa.<sup>5</sup> O centenário do nascimento de Agostinho da Silva em comemorado neste ano de 2007, propiciou a recente publicação de parte de sua correspondência.<sup>6</sup>

A leitura dessas missivas permite que o leitor descubra num autor consagrado, um homem com toda sua dimensão humana, penetrando na sua esfera do “pessoal”. O preço a pagar é o desconforto que não deixa de provocar uma leitura que despreza o princípio básico da inviolabilidade da correspondência. Sentir-se um “voyeur” provoca paradoxalmente um tipo de emoção rara, esta leitura permite que se instaure numa relação a dois, um terceiro parceiro: o leitor.

---

\* Claudia Poncioni é *Maître de Conférences* na Université de Paris X- Nanterre, autora de uma tese de doutorado na Sorbonne sobre as crônicas políticas de Drummond no *Correio da Manhã*. Sua pesquisa atual orienta-se para o estudo da literatura pessoal de expressão lusófona do século XX.

Quando aspectos até então obscuros ou pouco conhecidos de um autor, de sua obra, de seu relacionamento com seus congêneres, podem ser assim desvendados, o preço a pagar quase sempre vale a pena.

Deste modo, a curiosidade pode, com dizem os franceses, ser *un vilain défaut* mas sem ela pouco ou nada de novo se descobre. Foi assim que, buscando novos elementos sobre a revista *Atlântida*, projeto luso brasileiro de João de Barros e de João do Rio,<sup>7</sup> encontrei na divisão de reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa, as cartas que Paulo Barreto-João do Rio, enviou ao seu amigo lusitano.

Com efeito, no “Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea” desta Biblioteca, foi depositado em setembro de 1985, por Henrique de Barros,<sup>8</sup> o espólio literário<sup>9</sup> de seu pai, João de Barros. Dentre o conjunto de cartas literárias recebidas pelo poeta e homem político português encontram-se 63 cartas de João do Rio.<sup>10</sup> Enviadas entre 1912 e 1921, apenas três foram publicadas até hoje.<sup>11</sup> Constituem documentos interessantes fornecendo não apenas novos elementos sobre o projeto *Atlântida*,<sup>12</sup> como também informações preciosas sobre a vida literária brasileira e portuguesa, como também sobre as relações entre escritores e intelectuais dos dois lados do Atlântico, durante os primeiros vinte anos do século passado.

Este conjunto de cartas é ainda mais precioso se levamos em conta o fato de que a correspondência de João do Rio, assim como seus rascunhos e inéditos, são dados como destruídos.<sup>13</sup>

Os envelopes e folhas azuis, brancos, verdes, pardos, cobertos pela escritura miúda e nervosa de João do Rio, amarelados pelo tempo, têm contudo ainda outro interesse. São o testemunho de uma verdadeira afinidade eletiva. Das cartas transparece uma grande cumplicidade, literária e pessoal entre o João português e o João brasileiro. Todos os principais momentos da carreira política, literária mas também da vida pessoal do português interessam ao brasileiro, que com ele compartilha sucessos e desilusões, consagrações e descatos.

As cartas são igualmente uma mina de informações sobre a condição daqueles que procuravam viver da sua pena, no Brasil do início do século 20 e também sobre as relações literárias entre Portugal e Brasil naquele período. Época de grandes desavenças entre brasileiros e portugueses, período marcado, no mundo ocidental pela recrudescência dos nacionalismos que levaram à Primeira Guerra mundial e levariam à Segunda.

João de Barros<sup>14</sup> foi um paradigma do *honnête-homme* de finais do século 19 e inícios do século passado. Nascido numa família da aristocracia portuguesa, em Figueira da Foz no ano de 1881, faleceu em Lisboa em 1960. For-

mado em Direito pela Universidade de Coimbra, poeta, pedagogo, publicista, foi um intelectual engajado, essa figura que surgiu na vida pública a partir da intervenção de Émile Zola no famoso *affaire* Dreyfus. Portanto o verdadeiro intelectual deveria doravante, para fazer jus a este título, agir em diversas frentes, ser poeta, escritor e também político. Por outro lado, a verdadeira consagração de qualquer político não podia deixar de passar pelas letras. Assim, republicano e militante da laicidade, membro da Maçonaria desde a juventude, o poeta João de Barros ingressou cedo na vida pública portuguesa.

Inicialmente Secretário geral do Ministério da Instrução em 1914, foi Diretor geral do ensino primário em 1915, Diretor geral do ensino secundário em 1919 e finalmente Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, entre 1924 e 1925. O fim da Primeira República e o regime instaurado em 28 de maio de 1926, afastaram-no da vida pública. Consagrou-se então ao magistério. Produzindo daí em diante principalmente adaptações de obras literárias para a juventude.

Tinha sido eleito sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras, em 1917 e dedicou anos de sua vida à ação em prol de uma aproximação entre Portugal e o Brasil, num momento em que, se para a Primeira República portuguesa esta aliança era estrategicamente fundamental dentro da geopolítica europeia da época; no Brasil entrava em conflito com a ideologia dominante das elites da República Velha.

Além de ativo político, João de Barros foi um intelectual de primeira plana, legando às letras portuguesas uma obra literária extensa e multifacética. *Algas*, o primeiro livro, marcado pelo parnasianismo, foi publicado quando tinha apenas dezoito anos. Seguiram-se muitos outros, dentre os quais *Poema dos Sonhos*, *Anteu*, *Oração à Pátria*, *O ritmo de exaltação*, *D. João*, *Sísifo*, *Títulos de Vida Vitoriosa*, *Humilde Plenitude*. Em sua obra de pedagogo figuram entre outros títulos: *A República e a Escola* e *Educação Republicana*. Naquela em prol da aproximação entre o Brasil e Portugal constam: *A Energia Brasileira*; *A Caminho da Atlântida*; *Sentido do Atlântico*; *Portugal, Terra do Atlântico*; *A Aproximação Luso-Brasileira e a Paz*; *Portugal, Terra do Atlântico*; *Euclides da Cunha e Olavo Bilac*; *Palavras ao Brasil*; *Alma do Brasil*; *Heróis Portugueses no Brasil*; *Presença do Brasil*, além da obra póstuma: *Adeus ao Brasil*.

Quando em 1909 conhece em Lisboa o brasileiro Paulo Barreto, este já era um jornalista, cronista e teatrólogo consagrado e João do Rio, seu pseudônimo mais conhecido. O carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, nasceu como João de Barros em 1881, mas teve uma vida muito mais curta, falecendo em 1921, no Rio de Janeiro. Notabilizou-se como o introdutor

na imprensa brasileira da reportagem e da crônica social nos moldes que hoje conhecemos. Saiu das salas de redação para descrever aos leitores da capital, uma cidade em plena transformação, que desconheciam. O *Flâneur* era, desde o final do século 19, aquele que conhecia a arte de apreender as transformações urbanas com uma nova sensibilidade, um novo olhar, estabelecendo uma nova relação entre o indivíduo e seu espaço material, frente à cidade industrial nascente. João do Rio soube tornar-se o “dandy flâneur” que materializou em sua obra literária dois aspectos aparentemente contraditórios, mas tão atuais e verdadeiros, a decadência e a modernidade do Rio de Janeiro.

Paulo Barreto, mulato e de origem humilde, foi um dos mais populares autores de seu tempo. Autodidata, formou-se na velha escola das redações dos jornais cariocas. Durante vinte anos foi o cronista atento e divertido tanto dos *bas-fonds* e como dos salões da Primeira República, com seus artigos e folhetins alegres e ferinos. Iniciou sua carreira de jornalista nas páginas de *A Cidade do Rio*, passando em seguida para *A Tribuna*, *O Paiz*, *O Dia*, *O Correio Mercantil*, *A Gazeta de Notícias*, criou dois jornais o *Rio Jornal* (1918) e *A Pátria* (1920). Com João de Barros lançou a revista luso-brasileira *Atlântida* (1915). Colaborou também em outros periódicos do Rio de Janeiro, São Paulo e Portugal. Foi um dos fundadores e o primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (1917). Eleito aos 29 anos para a Academia Brasileira de Letras, dentre suas obras mais conhecidas estão: *As religiões do Rio*; *O momento literário*; *A alma encantadora das ruas*; *Cinematógrafo: crônicas cariocas*; *Fados, canções e danças de Portugal*; *A profissão de Jacques Pedreira*; *Pall-Mall Rio: o inverno carioca de 1916*; *A correspondência de um estação de cura...* E as peças de teatro: *Chic-chic*, *A bela madame Vargas* e *Eva*.

Sabe-se que toda carta pessoal é como uma “conversa com um ausente”, contudo o ato de escrever é provocado principalmente pela falta que sentimos de alguém. Assim a carta, não é apenas uma forma de conversa com um ausente, é antes de mais nada conversa consigo mesmo. Antes de ser diálogo, é solilóquio. Deste modo, se o diálogo instaurado pela noção de intercâmbio - que a troca de cartas cria, ficou para sempre perdido, como parece ser o caso, já que não sabemos que fim levaram as que João de Barros escreveu - o solilóquio presente nas cartas de João do Rio, é eloqüente.

Além de fornecerem elementos que permitindo situar as circunstâncias em que formam escritas, informam sobre a realidade que as circundava, as cartas refletem imagens, principalmente aquela que João do Rio quer dar de si mesmo a si mesmo. Destarte, apesar de não serem cartas íntimas, são de certo modo, um espelho de sentimentos.

Apesar de um registro que denota intimidade e cumplicidade, estas cartas comportam geralmente as cinco clássicas partes do gênero epistolar: *solutatio*, *benevolentiae captatio*, *narratio*, *petitio conclusio*. Contudo, várias dessas missivas, das quais provém os excertos que se seguem, organizam-se muito mais em função de sua finalidade pragmática do que da obediência às normas clássicas do gênero.

No entanto, já na saudação, transparece a amizade através do tratamento afetuosos: *Meu caro João*,<sup>15</sup> *Querido João*,<sup>16</sup> *Meu querido João*.<sup>17</sup> Presente também nas fórmulas de despedida que concluem as cartas, das quais são exemplos: *Do coração, Paulo*;<sup>18</sup> *Abraço trepidoso teu do coração, Paulo*;<sup>19</sup> *Do muito d'alma, Paulo*;<sup>20</sup> *Do velho d'alma, Paulo*;<sup>21</sup> *Com o coração, Paulo*;<sup>22</sup> *Velho Paulo*.<sup>23</sup>

Nas cartas relativas ao projeto *Atlântida*, os pedidos são de ordem mais material e até mesmo monetária. Em outras, a solicitação (*petitio*) refere-se a uma colaboração intelectual:

Agora, um grande favor: o que tiveres aí de impressos sobre canções populares mesmo com música (a canção do norte, muitos fados, muitos caminhos verdes [sic]) – o que tiveres de mais nesse gênero, envia-me imediatamente. Preciso urgentemente.<sup>24</sup>

Mesmo não sendo datada, o leitor atento constata que a carta foi escrita num papel do *Grand Hotel* de Paris. Intui-se portanto que João de Barros muito provavelmente forneceu a João do Rio elementos informativos que o ajudaram a honrar uma encomenda feita pela Garnier<sup>25</sup> que resultaria na obra: *Fados, canções e danças de Portugal*.<sup>26</sup>

No início do século vinte, e ainda por muitos anos, os livros portugueses e os brasileiros, compartilhavam os mesmos leitores. Publicar nas páginas dos jornais, crônicas, artigos, folhetins fazia com que um autor se mantivesse vivo na memória dos leitores. É por isso que termo “comércio epistolar”, comum nas obras teóricas sobre o gênero, adquire nas cartas a João de Barros um sentido muito mais abrangente do que apenas o da troca de missivas. Trata-se também do intercâmbio de apoios, sem que esta denominação tenha qualquer sentido pejorativo. Os dois amigos souberam sempre ser úteis um ao outro sem que no entanto houvesse “utilização”.

Destarte, a *benevolentiae captatio*, incluindo fórmulas cuja finalidade é captar a benevolência do destinatário são frequentes:

Publiquei as tuas fitas do Século<sup>27</sup> e do Mundo.<sup>28</sup> Estás de 1.ª ordem, o inteligentíssimo e queridíssimo João. Quando vieres agora ao Rio, vens para levar alguns contos de reis fortes. Só deixaste aqui amigos e admiradores e discípulos. Sim, discípulos, os meninos agora são todos dionisíacos, cantando a alegria, a força, e outras coisas esplêndidas que estão no Anteu.<sup>29</sup>

Os dois Joões eram agentes eficientes um do outro, organizando conferências, homenagens, contactos, em Portugal e no Brasil. Era preciso, contudo financiar as viagens e as estadias. Numa época em que a imensa maioria dos homens políticos tinham veleidades literárias, as finanças públicas arcavam com as despesas:

A tua presença seria muito bem. O reclamo é permanente. Como te mandei dizer o Oscar<sup>30</sup> está pela subvenção das conferências em São Paulo. Não falhará mesmo que eu tenha que ir ao Velho Conselheiro,<sup>31</sup> que é meu amigo. Aqui haverá uns dinheiros mesmo. Quanto às passagens, isso arranjo eu com o Sylvio Romero filho,<sup>32</sup> e o Dantas<sup>33</sup> para te mandarem dar lá umas cem libras. Demoras dois meses apenas. Garanto-te que a coisa vai bem. Telegrafia. Está logo preparado.

Personagem polêmica, grande provocador e fustigador implacável, João do Rio o máximo proveito do poder da imprensa e disso tinha consciência:<sup>34</sup>

Sou um inimigo, talvez inconveniente, para quem tem interesses no Rio. O (ilegível) desde que não foi ao meu jantar aí, sendo correspondente da Gazeta,<sup>35</sup> nunca mais teve peça que pegasse no Rio, e não terá. Além do prejuízo de algumas centenas de mil-réis com o corte que a Gazeta lhe deu. Os autores são uns cabotinos. Tenho-os na mão para apertá-los até se desfazerem em farinha.<sup>36</sup>

A contrapartida de tal exercício de poder era campanhas sanguinárias na imprensa contra o autor de *A alma encantadora das ruas*. Nessas, sua dupla condição de mulato e homossexual era usada sem quaisquer escrúpulos:

O nacional Paulo Barreto, pardo, que alegara ser jornalista, foi colhido em flagrante, num terreno baldio, quando entregue à prática de atos imorais, tendo como parceiro um soldado de Polícia.<sup>37</sup>

João do Rio sofreu com esse tipo de ataques e preconceitos, sendo uma das maiores vítimas da violência da imprensa da época, que o chamava de “Jo-aninha do Rossio”.<sup>38</sup> Ou ainda, quando a mesma dupla condição impediu seus projetos de carreira diplomática. Algumas cartas demonstram a sensibilidade, a solidariedade e a simpatia de João de Barros:

Muito obrigado pela tua carta. Viste que eu estava triste e mostraste uma emoção que me enteneceu. Somos mesmo muito amigos. Eu sinto que te quero bem profundamente. Daí o bem da tua carta. É verdade a minha miséria sentimental. Eu que sempre soube defender-me, entregara-me a uma espécie de solidariedade – em que fui aliás o único solidário. O primeiro momento foi o desastre. Depois verifiquei uma tão grande miséria moral – que estou no período da cicatrização, isto é, do nojo.<sup>39</sup>

Na Primeira República, tanto na Portuguesa como na Brasileira, política e literatura andavam juntas. Se as ambições políticas de João do Rio eram limitadas por sua própria condição,<sup>40</sup> João de Barros teve, como vimos, uma intensa atuação na vida pública portuguesa, com alguns percalços que seu amigo brasileiro seguia de longe:

Soube aqui no banquete do Lage<sup>41</sup> (...) que ias para Viseu. Disse-nos ao Nilo Peçanha<sup>42</sup> e a mim o inefável Bernardino.<sup>43</sup> Será possível? Essa república será capaz de fazer tal coisa ao Maior dos seus poetas novos? Que pena não teres nascido no Brasil. Garanto-te que não ias para o interior...<sup>44</sup>

As manifestações de confiança e cumplicidade entre os dois amigos patenteiam-se igualmente em relação a uma das principais atividades culturais compartilhadas por portugueses e brasileiros da época: o teatro. Companhias portuguesas atravessavam o Atlântico e o teatro brasileiro era, ainda nos inícios do século XX, luso-brasileiro. No outro sentido, a recíproca era menos verdadeira, mas alguns autores brasileiros conseguiam ver encenadas suas obras em Lisboa, como João do Rio.

Sua mais famosa peça de teatro, *A Bela Madame Vargas*, teve muito sucesso nos palcos do Rio de Janeiro, sendo estreada no dia 22 de outubro de 1912, pela Companhia Nacional, recém criada. O carioca compartilha o êxito com seu amigo português: *A crítica foi unânime. Imagina, o Correio da Manhã*

*me chamou de gênio! Cheguei a pensar que era pilhéria. Nós só seremos gênios depois de mortos.*<sup>45</sup>

O reflexo de vê-la encenada na ribalta lisboeta é imediato: ...*Mando-te uma cópia da peça para o República*<sup>46</sup> *e escrevo ao mesmo tempo ao Augusto*<sup>47</sup> *e ao Visconde.*<sup>48</sup> *Acho que eles podem montar a peça. É universal e com três cenas de levantar a platéia.*<sup>49</sup>

A correspondência, contudo dá parte das dificuldades que era preciso vencer:

...Sempre pensei que a minha peça, chegando em Novembro chegaria a tempo para a temporada presente. E dessa teria dito que faço questão. O velho Braga,<sup>50</sup> com uns ares de Antoine<sup>51</sup> reformado passou-me uma epístola amável dizendo-me as evasivas habituais antes de ler a peça!

Dentre as dificuldades surgem, como muitas vezes em Portugal, aquelas inerentes aos particularismos da língua portuguesa do Brasil.

A respeito da Vargas, escreve-me o Manoel<sup>52</sup> achando necessárias modificações de expressões para o Normal.<sup>53</sup> E cita por exemplo:

– Ainda o dizes!

Será tão ridículo isso? Acho porém que modificar para o estilo do Chiado uma vibração reflexiva da nossa sociedade - é tirar-lhe a cor. Imaginaria o Manoel a Severa<sup>54</sup> com o estilo mudado para o calão da rua de São Jorge aqui? Compreenderia o Manoel uma peça do (ilegível) emendada pelo Veríssimo para ser compreendida na rua do Ouvidor?

Nessas coisas temos muito mais corrente que vocês. Ainda há dias a platéia brasileira ouviu uma peça do Batista Coelho<sup>55</sup> no estilo vos-sência do Chiado e das avenidas Post-Liberdade. E até a trucage do Foca passou.

O debate sobre a língua portuguesa não terminara com a assinatura do acordo ortográfico entre Portugal e o Brasil em 1911. Os escritores brasileiros aceitavam cada vez menos a tutela dos portugueses. Isto se tornou evidente poucos anos mais tarde, com o movimento modernista e a afirmação por Mário de Andrade, da “independência” da língua “brasileira”.

Se os protestos de João do Rio tiveram conseqüências, não se sabe. O fato é que a peça foi estreada em Lisboa no teatro do Ginásio no dia 2 de Fevereiro de 1913 e alcançou um sucesso extraordinário:



A peça (interpretada por Zulmira Ramos, Pato Moniz, Alves da Cunha, Antônio Palma e Adélia Ferreira) foi um sucesso. No dia seguinte ao desembarque, foi ovacionado pelo público, no qual estava o próprio presidente de Portugal, Manoel d'Ariaga.<sup>56</sup>

Embora João do Rio faça do diálogo epistolar, concebido como uma “conversa à distância” o sinal de uma relação eletiva – já que falar, conversar naturalmente e sem esforço, é um horizonte ideal do intercâmbio epistolar – e procure marcar, alimentar uma relação privilegiada com João de Barros; as cartas referem-se a outros episódios menos gloriosos, como a lenta agonia da revista *Atlântida*.

As dificuldades encontradas pelos dois editores são inúmeras: conseguir financiamento, distribuição e até mesmo colaboração de escritores, principalmente brasileiros. Tantas dificuldades provocam rugas passageiras, que transpiram numa resposta a João de Barros:

Numa das tuas cartas, pareces menos justo comigo, a propósito da revista. E creio mesmo que pensas a sério na minha despreocupação – porque vários cavalheiro d'aqui e de São Paulo a quem tenho ido pedir trabalho dizem-me já ter recebido carta tua no mesmo sentido. Ora, é nervoso teu.

Não podes duvidar do meu carinho por ti. Cito-te em todos os jornais, em todas as conferências, em todos os lugares, a todos os amigos. Tenho a preocupação permanente do meu querido João. Não é mais amizade; é um escandaloso amor. E pelos jornais deves ter a prova- se os lês.

(...) estou preocupado a pensar que estejas aborrecido, julgando-me capaz de me não interessar por uma coisa que te interessa. É a complicação da vida, apenas insuperável, às vezes.<sup>57</sup>

Desde sempre a distância foi ao mesmo tempo a fonte e a maldição do diálogo epistolar. Ao mesmo tempo a existe correspondência existe porque existe a distância. Esta, além de ser espacial, é temporal. Deste modo, qualquer malentendido, muitas vezes facilmente elucidado por pessoas próximas fisicamente, transforma-se em desavença, o que João do Rio, tenta evidentemente evitar. Por outro lado, o tempo que levava uma carta para atravessar o Atlântico, aumentava a angústia de que destinatário pudesse compreender o conteúdo da missiva num sentido diferente daquele esperado pelo destinador. É isso o que denota a grandiloquência e explica o excesso de manifestações de carinho e de amizade.

A esta carta seguem-se outras de teor próximo e apesar dos esforços e tentativas dos editores, a revista termina por desaparecer em março de 1920. Contudo a correspondência entre os dois Joões prossegue até praticamente as vésperas do desaparecimento precoce de João do Rio, em junho de 1921.

As últimas cartas perderam o tom despreocupado e ligeiro das primeiras. O lançamento do jornal “A Pátria” em setembro de 1921,<sup>58</sup> com uma linha editorial claramente pró-lusitana, num período de plena ascensão xenófoba e principalmente lusófoba, acirrou sobremaneira as críticas agressivas e reles na imprensa. Paulo Barreto era acusado de ser venal, de estar a serviço dos interesses do grande capital português. Ora, as cartas enviadas a João de Barros neste período, esvaziavam estas acusações.<sup>59</sup>

Anos depois de sua morte, seu desafeto Antônio Torres, escritor mineiro, ainda se referia a ele nestes termos:

Paulo Barreto, saindo da Gazeta, andou mourejando pelo Paiz, até que resolveu fundar um jornal seu. Como? Explorando a colônia portuguesa. Adulando os lusitanos em artigos sucessivos. Rojando-se aos pés de tudo o que era mercador português. Lambendo todo tamanco que topava. Daqui e dali, serve de capacho à direita, serve de outras coisas à esquerda, sempre obteve alguns capitais e lançou o seu jornaleco. Uma vergonha. Que ignomínia! [...] Ao mesmo tempo, ataques ao governo brasileiro, coisa que sempre agrada à portuguesa, porque a colônia portuguesa no Brasil é um elemento anárquico, é inimigo nato, permanente, de todo e qualquer governo nacional.<sup>60</sup> [...]

Os termos das ofensas contidas na acima permitem compreender como, na opinião de diversos estudiosos, as pressões sofridas com o lançamento de *A Pátria*, acirraram os problemas de saúde de que sofria João do Rio.

Nas últimas cartas endereçadas a João de Barros, a imagem que João do Rio envia é contraditória. Euforia pelo sucesso do jornal e lassidão pelo cotidiano de obstáculos que é preciso superar, desespero pela falta de apoio financeiro dos “comendadores”:

Como deves ter visto – arreberto de trabalho. Adeus arte! Servo da gleba, jornalista, arte de jornal é que tem que ser. A Pátria é o maior êxito jornalístico do Brasil em todos os tempos. Circulação formidável (maior que a do Correio da Manhã)... Mas esse colossal esforço patriótico traz-me a ruína e a agonia. Com o papel a 100 mil réis a

bobina, podes imaginar o prejuízo diário que a grande tiragem me dá. Não durmo com a preocupação de arranjar dinheiro. Já hipotequei as casas, ando a pedir.

Apesar do êxito retumbante, é o êxito catastrófico porque os viscondes da colônia, o Banco da Financal, e outros não só não me dão, mas nem letras me aceitam.<sup>61</sup>

Dois meses depois, a situação não apresenta sinais de melhoria, as questões financeiras são agravadas pela pressões dos nacionalistas xenófobos da “Ação Social Nacionalista”, cujo presidente de honra era o conde Afonso Celso, mas que tinha como principal líder Alcebíades Delamare Nogueira da Gama, dono do semanário Gil Blás.<sup>62</sup> A carta que se segue testemunha a incompreensão e o desconhecimento dos políticos portugueses em relação aos jacobinos. Depreende-se dela o fato de que Portugal buscava, na altura, pôr “panos quentes” para acalmar a situação. O que não deixava de exasperar Paulo Barreto mas também João de Barros:

[...] Vejo nas tuas cartas aflição pelo aspecto que toma o caso Brasil-Portugal. Mas, João, quando o Epitácio<sup>63</sup> manda construir uma casa para a “Ação Nacionalista”, eu acho que aí fazem bem em desesperar. Apenas- não desesperam como convinha.

Você sabe o que fizeram?

Deram o oficialato de Cristo ao único deputado jacobino<sup>64</sup> da Câmara – o que apresentou a indicação para considerar a “Ação” como órgão de utilidade pública. Quando a comendas, os jacobinos têm-se regalado. Espero a do Delamare.

[...] O meu jornal é um retumbante êxito. Jamais se viu coisa igual no Brasil quanto à tiragem. Mas a agonia de dinheiro é fantástica [...]. Os comendadores dizem que o governo poderia vir a saber. E outro dia um colchoeiro não quis dar o anúncio – porque podia comprometer-se.

[...]

Esta carta é desalinhavada. Estou fatigadíssimo. Manda dizer se tens recebido os meus telegramas. Recordo-me de que a 8 de abril faz um ano que tive a felicidade de te ter cá.

Que pena não termos dinheiro para vivermos juntos a passear! Realizaríamos os dois uma estupenda obra de Beleza e Fé.

Beija o Paulinho.<sup>65</sup>

[...]

Velho Paulo.<sup>66</sup>

Um pouco mais de dois meses depois, João do Rio falecia em pleno Catete, dentro do táxi que o levava do Centro a Ipanema, onde morava. O tom desta última missiva mostra como a correspondência é, além de um documento de uma época, da relação entre dois seres, no nosso caso de dois escritores talentosos, um gênero profundamente marcado pelo temporal.

Além de fixar qual era a condição do escritor no início do século 20 tanto no Brasil como em Portugal, de determinar as relações entre vida e obra, e as mútuas influências a diferentes níveis das quais a correspondência de escritores é um sintoma, as cartas de João do Rio a João de Barros, são fragmentos de duas vidas. Retrato da relação intensa e fugaz de dois jovens idealistas. Ao fio do tempo ilusões e sonhos vão se atenuando. Poucos anos depois do desaparecimento de João do Rio e por muitas décadas, Paulo Barreto cairia no esquecimento. Quanto a João de Barros, a subida do General Carmona ao poder e sua sucessão por Salazar, mergulharam o poeta sonhador e idealista no limbo de uma existência de meias-tintas.

Resta que ler esta correspondência é uma rica experiência humana, além de conhecer novos aspectos das relações culturais entre o Brasil e Portugal no início do século 20, conhecemos as condições que era preciso enfrentar para exercer o ofício de jornalista e de escritor. Porém o que sobressai antes de mais nada é o caráter temporal do gênero epistolar. Hoje porém, tantos anos depois de que ambos se tenham ido para sempre, o eco do diálogo entre João de Barros e João do Rio, suas cartas, continuam a ser um belo testemunho de uma amizade luso-brasileira.

## Notas

1 *Carlos e Mário, correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade*, org. e notas de Silviano Santiago, Rio de Janeiro, Bem-Te-Vi, 2002.

2 *A Lição do Amigo, Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1982.

3 *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Org. Marcos Antônio de Moraes, São Paulo, EDUSP, 2000.

4 *Correspondência inédita de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa*, org. Arnaldo Saraiva, Ed. CEP, Porto, 1980

5 *António Lobo Antunes, D este viver aqui neste papel descripto-cartas da guerra*, Lisboa, Dom Quixote, 2005.

6 *Viva a República! Viva o Rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2006.

7 Claudia Poncioni, «La revue Atlântida, une utopie littéraire et culturelle luso-brésilienne dans la correspondance de João do Rio à João de Barros», in: Claudia Poncioni et José Manuel Esteves (org.), *Au carrefour des littératures brésilienne et portugaise: influences, correspondances, échanges (XIX-XXè siècles)*, Paris, Éditions Luso-phone, 2006, pp. 375-393.

8 Membro do Partido Socialista português, presidente da Assembléia Constituinte de 1975a 1976.

9 As cart77as políticas recebidas por João de Barros encontram-se na Casa-Museu João de Deus de Lisboa. No

Arquivo Histórico Municipal de Figueira da Foz, cidade natal de João de Barros, está reunida outra parte do acervo : manuscritos do autor, de outros, correspondência pessoal e documentos biográficos.

10 Espólio NN/2712 – 2774, as referências deste tipo são relativas às cotas do Arquivo de Cultura Portuguesa Contemporânea, da Biblioteca Nacional de Lisboa.

11 Manuela de Azevedo, em *Cartas a João de Barros*, (sel.pref. e notas) Lisboa, Livros do Brasil, s/d., 1972, publicou, três: uma datada de 12 de fevereiro de 1909, e duas outras sem data.

12 Duas dissertações de Mestrado, uma brasileira e uma portuguesa, tratam do projeto : Janise de Sousa Paiva, *Atlânticamente Atlântida; em busca de mares já navegados.*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000 e Cecília Dias de Carvalho Henriques da Conceição, *A Revista Atlântida, documento socio-cultural e literário de uma época*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1997.

13 João Carlos Rodrigues, *João do Rio, uma Biografia*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1996, p. 14.

14 Homônimo do ilustre renascentista autor de *As Décadas*, nascido provavelmente em 1496 e falecido em Pomal, em 1570.

15 S/D – N11/2734

16 10/09/1916 – N11/2755

17 S/D- N11/2722

18 03/02/1921 – N11/2718

19 S/D – N11/2748

20 03/11/1912 – N11/2712

21 S/D – N11/2713

22 31/03/1913 – N11/2715

23 Abril de 1921 – N11/2719

24 Mesmo se a carta não é datada, podemos facilmente supô-la escrita em 1909, ano da primeira viagem de João do Rio a Portugal.

25 João do Rio, *Fados, Canções e danças de Portugal*, Paris, Garnier, 1910.

26 João Carlos Rodrigues conta detalhes sobre a gênese desta obra, *op.cit.* p. 96

27 *O Século*, jornal matutino de Lisboa (1880-1978).

28 *O Mundo*, jornal de Lisboa (1871-1915)

29 03/11/1912, N11/2712

30 Oscar Rodrigues Alves, Secretário da Presidência de São Paulo entre 1912 e 1916.

31 Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, pai de Oscar, antigo presidente do Brasil (1902 a 1906), na altura presidente do Estado de São Paulo.

32 Diplomata e jornalista, diretor de *Para Todos*.

33 Luís Martins de Souza Dantas, amigo de Paulo Barreto, diplomata. Mais tarde seria embaixador do Brasil na França. Durante o governo do Marechal Pétain, salvaria a vida de mais de 475 pessoas, concedendo vistos para o Brasil contra as ordens de Getúlio Vargas.

34 sobre João do Rio, crítico teatral, ver Níobe Abreu Peixoto, «João do Rio e o palco, crítica teatral e dramaturgia», Tese de doutorado em Literatura Brasileira, USP, FAPESP, 2003

35 *Gazeta de Notícias* (1875-1942), com um dos principais jornais cariocas do início do século 20. Lá João do Rio foi redator e trabalhou até 1913.

36 Carta de 26/11/1913 – N11/2713

37 *apud* José Carlos Rodrigues, *op.cit.* p. 114

38 alusão a certa área da atual praça Tiradentes, antes praça do Rossio, freqüentada por homossexuais desde a Regência. *in*: Carlos Jurandir, *Jornal da ABI*, «A Imprensa da Belle époque», Rio de Janeiro, outubro-dezembro de 2004. O artigo é uma resenha de um estudo de Alexei Bueno, publicado na Revista Rio-Arte, que infelizmente, não consegui localizar.

39 SD— N11/2724

40 Contudo, João Carlos Rodrigues chama a atenção para o cunho político de alguns de seus textos claramente críticos tanto em relação às condições sociais dos trabalhadores, quanto à situação da mulher na sociedade. Trabalhos recentes, como «João do Rio repórter da pobreza na cidade» o de Denise da Costa Oliveira Siqueira, procuram dar do autor uma imagem diferente da frivolidade com que muitas vezes é caracterizado. *in*: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – UERJ – Rio de Janeiro, 5 a 9 de setembro de 2005

41 João Lage, proprietário do jornal *O Paiz*,

42 Em 1912 Nilo Peçanha (1867-1924) era, senador pelo Rio de Janeiro.

43 Bernardino Machado (1851-1944), literato nascido no Rio de Janeiro, teve importante carreira política em Portugal.

44 03/11/1912 — N11 2712

45 *id. ibid.*

46 O atual Teatro Municipal de São Luís em Lisboa.

47 Augusto Rosa (1852-1918), famoso ator e empresário teatral português que modernizou a arte de representar.

48 Luís de Braga Júnior, Visconde de São Luís de Braga. Brasileiro de torna-viagem, principal impulsionador do teatro República que, após incêndio, passou a chamar-se São Luís em sua homenagem.

49 03/11/1912 — N11 2712

50 Vitoriano Braga (1888-1940), com Alfredo Cortez e Carlos Selvagem forma a trindade maior da literatura dramática portuguesa das primeiras décadas do século 20.

51 André Antoine (1858-1943), ator e encenador. Considerado o inventor do teatro francês moderno.

52 Manoel de Souza Pinto?

53 É Paulo Barreto quem sublinha.

54 A Severa, primeira cantora de fado consagrada.

55 Batista Coelho, também conhecido como João Foca, compositor para o Teatro de Revista e de músicas de carnaval.

56 *in*. João Carlos Rodrigues, *op.cit.*, p. 167.

57 30/05/1916 – N11/2717

58 O jornal existiria até 1952.

59 João Carlos Rodrigues, *op. cit.*, p. 241, descreve a composição dos acionistas: João do Rio (15%), Pimenta de Melo e Aureliano Machado, jornalistas, (7,5% cada), Villas-Boas, editor, (6,5%). Os bancos ou particulares estrangeiros, portugueses e italianos, não chegam a reunir 5% das ações.

60 *in*: Antônio Edmilson Martins Rodrigues, *João do Rio: a cidade e o poeta - olhar de flâneur na belle époque tropical*, Rio de Janeiro, FGV, 2000, p.165

61 N11/2718

62 Delamare fundou também *O Nacionalista*, no mesmo período.

63 Eitácio Pessoa, Presidente da República de 1919 a 1922.

64 Termo derivado do jornal carioca lusófono, *O Jacobino*.

65 Paulo de Barros, filho de João de Barros, nascido em 1908, ano em que os dois amigos se encontravam por primeira vez. Muitas referências a ele estão presentes nas cartas. Teria este nome sido uma homenagem a Paulo Barreto?

66 Abril de 1921, N11/2719

## Resumo

A correspondência enviada por João do Rio ao português João de Barros, entre 1912 e 1921, é o testemunho de uma grande cumplicidade literária e pessoal. As cartas fornecem elementos importantes sobre as condições de vida e as relações entre imprensa e literatura no início do século 20.

As missivas retratam ainda a conjunção existente na época entre vida literária e vida política tanto em Portugal como no Brasil. Militantes ativos de uma aproximação cultural luso-brasileira, os dois criadores da revista *Atlântida* trabalharam em prol da criação de uma área cultural que hoje chamaríamos de lusófona.

Escritas num período de recrudescência dos nacionalismos que levariam às duas grandes guerras do século passado as cartas de João do Rio vêm fornecer informações inéditas sobre sua relação com Portugal e a colônia portuguesa do Rio de Janeiro.

## Abstract

The letters sent between 1912 and 1921 to the Portuguese Joao de Barros by Joao do Rio give evidence of a deep literary and personal bond between the two authors. Those letters provide important details on the living conditions and the relationship between press and literature in the early 20th century.

They also portray the existing conjunction at the time between literary life and politics in both Portugal and Brazil. Speaking in favor of a cultural approximation between Portugal and Brazil, the two editors of *Atlântida* magazine did their utmost to create a cultural area known nowadays as lusofona.

Written during a period which witnessed the strengthening of the nationalisms that lead to two World Wars in the past century, Joao do Rio's letters bring some original data about the relationship with Portugal and the Portuguese colony in Rio de Janeiro.